Autora: ZAIRA DANTAS

Editor Prop. - JOÃO SEVERO DA SILVA

UM GRANDE AMOR

P- 220

Autora: ZAIRA DANTAS

cx 1.4
559

Um Grande Amor

Não faz 40 minutos
que terminei uma história
e nêste curto espaço
transportei-me ao Monte Mória
pedi ao Deus de Abraão
para colocar então
outra em minha memória

Recebi inspiração
enviada do senhor
para escrever um romance
deveras encantador
é um enrêdo intrincado
ricamente baseado
no grande tema do amor

O tema caros leitores
é bastante já usado
os maus e bons escritores
têm com frequência abusado
ou abistrato ou concreto
será êle o predileto
do mundo civilizado

E brilhará no cartaz
dos tempos que hão de vir
quer na adversidade
ou no brilhante porvir
o amor é um calvário
porém é tão necessário
enquanto o povo existir

O sentimento sublime
a quem chamamos amor
parece ser tão antigo
como o seu creador
teve razão o Messias
senhor das soberanias
dar-lhe um subido valor

Fiz a minha introdução
mostrando a luz da ciência
que o amor não é mito
que se veja em evidência
êle é um Substantivo
tão real e positivo
como a nossa existencia

A prefeitura devia
pagar bem meus honorários
além de dar aos alunos
os conhecimentos vários
por meios dos meus romances
ficam conhecendo lances
dêstes países lendarios

Êste que eu vou narrar
passou-se lá na Austrália
um pequeno continente
que a nem um outro igualha
na ilha de Fidiji
posso registrar aqui
pois a memória não falha

A ilha antigamente
era soturna e brumosa
quase todos afirmavam
ser bastante pedregosa
tinha uma grande morrulha
não possuia a Austrália
outra tão misteriosa

Marinheiros corajosos
diziam ser encantada
tinham se aventurado
em perigosa escalada
voltaram desiludidos
por não ouvir arruidos
na ilha petrificada

Mas a tradição nutria
suspeitas bem diferentes
falava sobre os costumes
daquelas extranhas gentes
as moças eram formosas
romanticas e orgulhosas
dos homens independentes

Nos olhos misteriosos
tinham estranho brilhar
os homens daquela ilha
eram feio de abismar
inda eram obrigados
além desses predicados
suas ninfas adorar

A lenda ainda afirmava
ser isto uma vingança
de uma formosa fada
ainda muito criança
ela amou o rei Crispim
e êle sendo ruim
casou com outra na França

A bela fada jurou
pelo gênio Gerazin
que enquanto ela vivesse
feiura não tinha fim
nos homens daquelas ilhas
enquanto que suas filhas
eram formosas assim

Nos mostra a mitologia
ser as fadas caprichosas
algumas se transformaram
em bruxas bem odiosas
eu afirmo sem acinte
que a mulher do século vinte
é muito mais rancoroza

A espôsa de Crispim
deu a luz a um menino
veio o garôto ao mundo
marcado pelo destino
por causa do seu amor
escolheria com dor
morrer ou ser assassino

Pelo nome de Laís
foi o garôto chamado
na tarde do mesmo dia
houve um caso inesperado
veio ao mundo uma menina
que marcada pela sina
teria um mal resultado

A garôta que nasceu
filha da fada Cherrice
que havia se casado
sem que ninguem presentisse
ensinou a inocente
que por tôda aquela gente
um grande ódio nutrisse

A fada já decretara
a fatal destruição
visto o poder temporal
achar-se em sua mão
Zuraia era o pivô
do malfadado complô
que fulminou a nação

Do palacio de Crispim
era a fada vizinha
para brincar com Laís
mandava a sua filhinha
prevendo para o futuro
um amor forte e seguro
que bastante lhe convinha

Zuraia era formoza
parecia ser feliz
vivia sempre brincando
com o principe Laís
que tinha no coração
a semente da afeição
com entranhada rais

Crispim com sua esposa
pretenderam separar
o garoto da pequena
a quem sabiam amar
iam perder o critério
temiam num ato sério
a fada os prejudicar

Zuraia se revelou
Leviana e orgulhosa
das mulheres desta ilha
ela era a mais formosa
se já não fosse marcada
pelo designio da fada
seria muito ditosa

Já estava muito perto
do inglorioso fim
da rainha e tambem
o seu esposo Crispim
já depois dêles finados
eram os jovens coroados
num elegante festin

Chegou para o rei Crispim
sua decretada morte
com êle também findou-se
Airan sua consorte
a fada foi quem venceu
e também nada sofreu
com o duplicado corte

Ficou o jovem Laís
coitado na orfandade
seus pais baixaram a cova
cheios de anciedade
porque a fada dizia
que nêle só vingaria
de Crispim sua maldade

Na ilha de Fidiji
o povo se reuniu
para eleger o seu rei
mas a fada os preveniu
que só ela dominava
como assim almejava
dessa maneira saiu

Laís usava a corôa
e o cetro da nobreza
mas ali quem dominava
era a fada e a princeza
lutar seria debalde
preferiu ser um covarde
incapaz de uma defeza

Vou deixar por um instante
o elegante salão
com as pessoas presentes
para a coroação
e vou falar num rapaz
aventuroso e audaz
mas de nobre coração

Gedálias era o nome
do grande lôbo do mar
só sentia-se feliz
estando a navegar
nos oceanos bravios
em constantes desafios
com as correntes do ar

A ilha da Polinésia
nos diz a geografia
é uma ilha formosa
pertence a Oceania
vizinha de Fidiji
e era mesmo aí
onde Gedálias vivia

Quando estava em terra
sua monte boliçosa
conduzia-o a uma
região bem montanhosa
passava o dia inativo
contemplando pensativo
a ilha misteriosa

O moço ouvia falar
naquela ilha vizinha
histórias maravilhosas
contava sua avozinha
de fazer uma visita
a ilha tão esquesita
desejo muito êle tinha

Gedálias não tinha pais
e com sua avó vivia
morava junto com êles
a filha de uma tia
a moça o adorava
mas êle descimulava
como quem não entendia

Amava a sua priminha
sem segunda intenção
jamais pensou um momento
de dar-lhe o seu coração
se pretendesse casar
ia noiva procurar
mas em outra região

Edeilda era o nome
da meiga linda donzela
na Polinésia não tinha
outra moça igual a ela
mas uma grande tristeza
vinha toldar a nobreza
daquela face tão bela

É que amava Gedálias
com verdadeira paixão
sendo êle indiferente
a esta grande afeição
ela se desesperava
sem querer considerava
monstruosa ingratidão

Gedálias chegou um dia
e encontro-a a chorar
apesar de conhecer
a causa dêste penar
como era vaidoso
com gesto aflito e doloso
resolveu interrogar

Diga-me querida prima
porque vives a chorar
se alguém te ofendeu
diz que prometo vingar
ou o pranto é a esgrima
dum amor que paira acima
do meu raciocinar

Bem! — Respondeu a donzela
— sou igual a um vulcão
que ninguém pode conter
a sua erupção
já que fui interrogada
também sinto-me obrigada
a fazer a confissão

Te amo desde criança
isto não é novidade
continuo te amando
mesmo na adversidade
você se faz obtuso
como quem diz eu recuso
sua generosidade

Eu sei que você procura
noiva em outro país
você nunca confessou
mas o coração me diz
vai cumprir teu negro fado
mais não voltarás casado
e muito menos feliz

A ilha de Fidiji
é o teu sonho dourado
vais para lá no entanto
nunca serás tão amado
ficarei por ti rezando
e ao bom Deus implorando
o teu regresso esperado

Edeilda afastou-se
porém êle alcançou-a
e disse: minha priminha
você é formosa e bôa
no entanto estás mudada
parecendo uma enraivada
e pequenina leôa

Compreendo o teu afeto
ficando mesmo contente
de ser amado por ti
assim carinhosamente
enquanto eu não amar
faço questão de ficar
do amor independente

Gosto muito de você
e penso mesmo em casar
interrogo o coração
e nada vem confirmar
eu quero ser positivo
tenho mêdo instintivo
de não poder te amar

Sonho sempre com você
tão feliz e sorridente
eu corro para seus braços
como um ditoso vivente
é nêsse instante aí
que a ilha de Fidijí
apareceu-me em frente

—Não desejo mais ouvi-lo
disse a donzela zangada
não permita que tu faças
no meu amor caçuada
ouve a vóz da aventura
procures a sepultura
na ilha amaldiçoada

A jovem se esquivou
saiu correndo e chorando
Gedálias alí ficou
sombriamente a olhando
foi quando reconheceu
assombrado percebeu
que também estava amando

Poucos minutos atrás
êle se pavoneava
diante de sua prima
dizendo que não amava
um remorso insuportavel
atrós e indesejavel
o coração lhe queimava

Quiz correr atrás da jovem
contar a transformação
que cupido tinha feito
no seu duro coração
deteve-se num momento
da ilha o encantamento
roubalhe-ia a atração

Não devia dar lugar
a momentania fraqueza
tinha porêm que fugir
dali com tôda a certeza
não daria assim sem glória
sua mão a palmatória
que dela faria prêza

Gedálias indgnou-se
com êsse afeto primeiro
fêz-se logo ao Oceano
no seu pequeno veleiro
queria se aturdir
apressou-se a fugir
de cupido mandingueiro

Logo deixou para trás
a ilha dos seus amôres
onde fica um par de olhos
lacrimosos sonhadores
pensava ver maravilhas
em ingneradas ilhas
onde só tinha horrores

Mas uma vez dirigiu
às montanhas seu olhar
viu um vulto de mulher
de longe lhe acenar
conheceu ser sua prima
que subiu montanha a cima
para um adeus lhe mandar

Edeilda viu o primo
da praia se ausentando
nem se quer se despediu
da sua avó que chorando
a donzela encontrou
e a ela se abraçou
quando em casa foi chegando

A donzela entre lágrimas
contou o que se passou
a vozinha ouviu
mansamente a consolou
e disse: deixa filhinha,
tu não ficastes sozinha
nem êle te engeitou

Quando o pobre sentir-se
cansado de aventuras
onde todos os mortais
vê nas maiores alturas
voltará ao nosso lar
para conosco ficar
gozando caricias puras

Edeilda suspirou
com a cabeça assentiu
lembrou-se então de rezar
como ao moço garantiu
por entre os olivais
o seu corpo de vestais
num instante se sumiu

Deixarei cair o pano
nesse ato tão tocante,
para no ato seguinte
erguê-lo no mesmo instante
no palco da própria vida
ver a ilusão perdida
de um jovem navegante

A fada Cherrice viu
um estranho aportar
na ilha de Fidiji
pensou logo em usar
o jovem como uma isca
e cumpriu tudo na risca
com o fim de se vingar

O jovem era um atleta
formoso de parecer
nêle o caro leitor
Gedálias vai conhecer
de nobre e gentil beleza
até mesmo uma princêza
faria enlouquecer.

No dia em que Gedálias
salvo na ilha chegou
Zuraia a linda princeza
no grande trono sentou
como era muito astuta
reinaria absoluta
no império que herdou

Lais também era rei
mas ia ser dominado
pela mulher que amava
com um amor ascendrado
aquela grande paixão
era uma obsessão
que trazia-o acorrentado

Foi no dia do banquete
do grande acontecimento
que Gedâlias aportou
como era seu intento
na ilha de Fidijí
porém nada viu alí
somente o muro cinzento

Amarrou o seu veleiro
a muralha escalou
no mesmo instante uma voz
meigamente o chamou
e disse—sêde bem vindo
ao reino que muito lindo
os teus sonhos o pintou.

Levar-te-ei ao salão
onde muito vais gostar
podes guardar tuas armas
não tens de que receiar
estamos hoje em festa
para vós a hora é esta
já não podes recusar!

Êle deu uma olhadela
não viu mais o seu veleiro
ja não havia muralhas
com o seu despenhadeiro
um estrondo de trovão
afetou sua razão
são coisas de aventureiro

Um ser que era invisível
levou-o a um salão
de pórticos e colunas
com enorme dimensão
eu comparo muito bem
com o de Jerusalém
erguido por Salomão

Nêste salão êle viu
vários tronos pequeninos
em cada um uma jovem
com rostos diamantinos
tinha louras e morenas
formosas como assucenas
dos jardins dos céus divinos

Aos pés das jovens prostrados
como em adoração
havia feios monstrengos
do tamanho dum anão
a beleza alí mandava
e a feiura forçava
a tamanha humilhação

Bem no centro do salão
tinha uma jovem sentada
em um trono de topazio
de brilhantes coroada
se alguém chegasse vê-la
comparada a uma estrêla
era uma sombra apagada

Nos pés da formosa jovem
um mancebo repousava
apezar de ser formoso
o seu culto tributava
a sua linda beldade
naquela localidade
só a mulher dominava

Gedâlias observou
e jovem alí prostrada
notou que era perfeito
e estava coroado
os outros eram monstrengos
na idade avoengos
e maculavam o quadro

O jovem viu a limpeza
aliada a um imundo
um príncipe bem trajado
junto com um vagabundo
um cenário de grandezas
as magestosas belezas
a gelidez d'outro mundo

Logo viu-se rodeado
pelas mulheres formosas
cada uma que mostrasse
suas faces cor de rosas
tôdas queriam beijá-lo
mas alguém veio livra-lo
das ninfas maliciosas

Este alguém foi a princeza
que tudo presenciou
e ficando enciumada
com as beldades ralhou
como estava indignada
com uma voz alterada
o estranho interrogou

—O que viste fazer
ó jovem desconhecido?
êste solo que pizaste
a todos é proíbido!
tu que fôste o mais bravo
serás hoje o meu escravo
em vez de teres morrido

—Prendam êste cavalheiro
disse ela com desdêm
já não sairá ilêso
quem a esta ilha vem!
depois que fôr amarrado
devidamente domado
vem adorar-me também

Gedálias disse eu não sou
como os escravos teus
eu estou aqui sozinho
mas zelo os direitos meus
meus pais antes de morrer
fizeram-me conhecer
que adorar só a Deus

Os monstrengos do salão
para o jovem se lançam
seus corpos desengonsados
com um só gesto se cansam
De arrelar os cabelos
um grito veio dete-los
e êles já não avançam

O grito Misterioso
alí se fêz atroar
—o hospede é sagrado
ninguém o deve tocar
eu quero êle tratado
porque é o indicado
que me vem tudo vingar

O jovem foi acolhido
com as honras dum sultão
vinha donzelas servi-lo
em qualquer ocasião
tanto louras platinadas
como morenas queimadas
todas tinham-lhe afeição

A princeza todo dia
visitava o estrangeiro
dizia que o amava
que êle era o primeiro
como era leviana
que a se propria engana
não tinha amor verdadeiro

A princeza só agia
de acôrdo com a fada
mas pretendia engana-la
usando duma cilada
se a Gedálias iludisse
talvez que ainda saisse
daquela ilha encantada

Pensava ela fugir
do negro e fatal destino
obrigando o rapaz
tornar-se um assassino
mas foi pela propria fada
duramente castigada
no seu triste desatino

Numa visita que fêz
a Gedálias sua prêza
trouxe escondido no manto
a espertinha princêza
um vidro com uma droga
que êle bebendo logra
uma agradavel suprêza

Desde que êle bebeu
aquêles fluidos fatais
só obedecia a jovem
já não ligando demais
como quem está amando
vivia sempre beijando
os seu labios sensuais

Zuraia aproveitou-se
daquela situação
obrigou-o a fazer
uma estranha confissão
dando-lhe a entender
como ia proceder
em sua resolução

Entre caricias gostosas
que enloquece um mortal
ela retirou do seio
um grande e fino punhal
e disse-lhe: é preciso
se não fores indeciso
eliminar um rival

Primeiro é minha mãe
a velha fada Cherrisse
é igual uma coruja
queria que você visse
feito mulher ela é bela
mas vou eliminar ela
pois não quiz que eu fugisse

Lais o rei este é
o segundo eliminado
logo depois fugiremos
para um país afastado
lá viveremos ditosos
sem os monstros cavilosos
deste maldito reinado

Desdebrou o rico manto
dele tirou a caixinha
que era o seu tesouro
e muito ouro continha
aônde estava a fada
numa curuja virada
guiou-o à princezinha

Da horenda e feia gruta
o jovem se aproximou
a curuja friorenta
num canto ela avistou
o pescoço lhe torceu
Cherrisse, a fada morreu
mas a sua alma ficou

O espírito da fada
virou um mal assombrado
ouviam seu gargalhar
nas muralhas do reinado
como quem nunca se cansa
ela gritava vingança
vingança é o meu brado

A princeza só vivia
ao lado do seu amor
nisto viram uma sombra
passar pelo corredor
era Laís que passava
e o casal espreitava
com um olhar de rancor

Zuraia disse é agora
propicia a ocasião
de infrentares o principe
já tens o punhal na mão
quero que sejas ligeiro
e hajas como guerreiro
resolvendo esta questão

Num espaçoso salão
Gedálias logo achou-se
êle mesmo ingnorava
como foi que transportou-se
estava ipinotisado
olhando enviesado
com o rival defrontou-se

Laís ao vê-lo falou
com a vóz grave e pausada
—vivia-mos tão felizes
nesta ilha abençoada
mas um dia o meu pai
já mais bôas graças cai
da misteriosa fada

Êle sendo infiel
por isso muito sofreu
morreu deixando um filho
que no trono o precedeu
tendo sofrido agruras
acabou-se sua torturas
porque o filho sou eu!

Parecia ser amado
por uma linda beldade
embora o seu afeto
fôsse tudo falsidade!
iludir meu coração
antes a falsa ilusão
que dura realidade

Um dia um estrangeiro
vimos aqui aportar
a fada o protejeu
deixando-o aqui ficar
porque ela pretendia
e dêle isca faria
para poder se vingar!

O estranho aventureiro
matar a fada eu vi
que estava em perigo
nesta hora concluí
e não podendo correr
para matar ou morrer
agora me decidí

Ao dizer isto partiu
como uma fera assanhada
Gedálias negou-lhe o corpo
e deu-lhe uma punhalada
deixou-o ali prostrado
êle mesmo nesse estado
falou a mulher amada

Zuraia nunca pensei
que pudesses iludir
a dura realidade
que vejo no teu porvir
não penses nem um momento
com êste ato sangrento
tu possas daqui sair

Como você é cruel
e Leviana querida!
tu fostes desde criança
a razão de minha vida!
juravas um terno amor
por causa deste senhor
mostrastes como és fingida!

Julgas porém no entanto
que da ilha sairás?
nascestes quando nasci
em tudo somos iguais!
escuta o que vou dizer!
tu me fizestes morrer
mas comigo morrerás!

Zuraia riu com desdêm
respondeu—está direito
o quadro de minha morte
quero que saia perfeito
quero ficar num estrado
tendo você ao meu lado
com sua mão em meu peito!

Ela fez esta piada
só para ironizar,
sem pensar que com a sorte
já não se deve brincar
foi um estranho poder
o que ia acontecer
estava a profetizar

Se o Gedálias tivesse
perfeito raciocínio
tinha fugido da luta
evitando o morticínio
mas a fada vingativa
tinha com ela cativa
sua vontade e dominio

Os monstros observavam
bastantes enfurecidos
o rumo que já tomara
os estranhos ocorridos
foi quando se perceberam
e logo compreenderam
que já estavam traidos.

Cada monstro avançou
com seus instintos vorazes
eram simples pigmeus
porém mostraram-se audazes
foram pegar o rapaz
este sem esperar mais
logo enfrentou os sequazes

Êle viu horrorizado
as mulheres do salão
avançar para os monstros
com longas facas na mão
de lâminas afiadas
as cabeças decepadas
rolaram sôbre o chão

Êles não se defenderam
das cutiladas fatais
morreram sem proteção
como pobres aninais
que nos grandes matadouros
dão as carnes e os couros
aos homens e seus iguais

Quando já não existia
um só monstrengo de pé
a princêza levantou-se
e perguntou como é
que deu em vocês meninas
fazendo careficinas
e me deixando sem fé

Como irão se arranjar
sem os seus adoradores
os monstros já não existem
pois matastes com rigores
outros aqui já não tem
e a vocês não convém
viver assim sem amores

Uma jovem muito loura
do grupo se destacou
e disse—quero Gedálias
o jovem me agradou
mas nesse mesmo instante
a morena insinuante
em alta voz protestou:

Eu também sou pretendente
êle é bom e agrada
além de mais sempre foi
o protegido da fada
na ponta de minha faca
ou morre ou vira a casaca
uma loura endiabrada

Zuraia viu num instante
o poder do inimigo
compreendeu que também
ali corria perigo
logo armou uma cilada
para ficar descansada
com o jovem seu amigo

Vendo os animos crescerem
entre louras e morenas
ela falou com brandura
e disse—caras pequenas!
há um só para escolher
êle tem que pertencer
a uma jovem apenas!

O salão é uma arena
com uma pequena pista
Gedálias será a meta
ou o prêmio da conquista
preparem-se para a luta
e a que for mais astuta
combata mas não dezista

Nêstes momentos os gritos
de todos labios sairam
as louras e as morenas
em grupos se dividiram
com olhares provocantes
odiosos corruscantes
logo os corpos mediram

Naquele grande salão
só se ouvia um grito
o estrangeiro é meu
para mim o requisito
mulher em revolução
é como errupção
no vesúvio do maldito

Gedálias que assistia
o combate horrorizado
olhou para o salão
de cadáveres juncado
era igual as arênas
da capital de Atenas
nos seus anáis registrado

Só êle e a princêza
se conservava com vida
Zuraia disse: a questão
agora foi resolvida
dizes que tens um veleiro
eu já te dei o dinheiro
vamos cuidar da partida

Com um sorriso feliz
a Gedálias abraçou-se
beijou-o ardentemente
porém assim que soltou-se
uma seta envenenada
por uma sombra jogada
em seu coração cravou-se

O jovem viu quando a sombra
a seta arremessou
êle quis salvar a jovem
mas o seu gesto falhou
um rizo feio e sinistro
que gelava o próprio Cristo
no casarão ecoôu

O rizo ai terminou
numa fala cavernosa
—Retira-te estrangeiro
desta ilha perigosa
Zuraia tentou fugir
pensando mesmo iludir
a fada misteriosa

Ao subires a muralha
voltas a ser como eras
encontrarás teu veleiro
tão veloz como as galéras
a ilha dos teus amôres
cobriu-se todas de flôres
com as duas primaveras

Com um rizo estridente
a fada se despediu
tudo voltou ao silêncio
o jovem só se sentiu
chegou perto do estrado
a um comovente quadro
penalisado assistiu

O cadáver de Zuraia
repousava no estrado
como ao querer protege-la
ficou Laís a seu lado
que proteção tão singela
sôbre o peito da donzela
estava a mão do finado

No cérebro do rapaz
um muro desmoronou
foi nesta ocasião
que de tudo se lembrou
sem ser já prisioneiro
entrou para o seu veleiro
é dali se afastou

Já ia muito distante
mas bem distinto êle viu
um estranho meteorio
que sôbre a ilha caiu
um estrondo de vulcão
abriu o antro do chão
e tudo submergiu

O jovem aí lembrou-se
da caixinha de dinheiro,
encontrou-a bem guardada
na prôa do seu veleiro
deleitou-se com o ouro
ia gastar o tesouro
com seu amor verdadeiro

É verdade que levava
na face um sulco profundo
uma nuvem de tristeza
parava por um segundo
não é admiração
êle era um cristão
que saíu do outro mundo

O sulco de sua face
era a esperiencia
que ensina ao mortal
o segredo da ciencia
ela não o deixaria
e ele sempre a teria
como uma advertencia

Gedálias aproximou-se
de sua ilha querida,
onde deixou Edeilda
chorando desiludida
avistou sua casinha
e viu a sua avozinha
cochilando distraída

Ao longo da praia vinha
um vulto se aproximando
conheceu ser Edeilda
que estava o esperando
a velhinha também viu
neste momento sentiu
uns braços lhe rodeando

Não preciso descrever
aquela cena tocante
é como tôdas as cenas
de quem ver o seu amante
a seus braços regressar
que sem um adeus lhe dar
passou dois anos distante

Gedálias admitia
se ter de casa ausentado
mas o que ignorava
era ter anos passado
sorria e ficava sério
só pensando no mistério
que tinha presenciado

Para si comprou um barco
para a noiva um enxoval
preparou-se para o ato
da manhã nupcial
ao lado de sua amada
vivia sem fazer nada
como um feliz mortal

Olhando a prima dizia
—que ilusões fementidas!
eu procurava uma noiva
em terras desconhecidas!
tendo uma aqui bem perto
um amor seguro e certo
e sem carícias fingidas

A vovó ficou contente
quando viu os dois netinhos,
naquele terno idilio
como um casal de pombinhos
foi preparar o jantar
deixando eles ficar
a se beijarem sozinhos

Zuraia não foi feliz
a beleza não valeu
ignorava o amor
razão porque pereceu
a Laís coube a sorte
descansar depois da morte
sua mão no peito seu

Biografia do Poéta João Severo da Silva

O Poeta João Severo nasceu em 1-12-1942, no Ingá de Bacamarte, Estado da Paraíba.

Seus pais legítimos, Severiano Bento da Silva e Maria Benedita da Conceição.

Engressou, no "Folclorismo" em 16-12-58. Vinha sendo sempre um admirador da "Poesia".

Em 12-7-61 escreveu o seu primeiro verso. Publicado em 25-4-62. O título que tráz o seu primeiro verso é "Delícia da Mocidade", 8 páginas, tiragem: três (3) milheiros. Foi aceito pelos os admiradores da "Poesia" Popular.

A segunda (2ª) foi Editado pelo o Autor em 1-1-64 o título é, O Vaso das Esmeraldas ou a menina perdida 32 páginas.

O terceiro (3°) foi em 30-3-1964 o título é 2ª peleja de João Severo com José Costa.

O quarto (4°) foi em 5-5-64 o título é As bravuras de Sergismundo e os sofrimentos de Edileusa, o quinto (5°) foi em 8-7-64 foi escrita por João Severo e Adalgiso Carlos e Editada por João Severo da Silva (Cícero) a 8-7-64.

No Periodo de 25-4-62 o publicacão deste Editei, (Esposa Noiva e Amante, Singleton em o ouro dos Piratas.

(Um grande Amor).

Todos de Zaíra Dantas e outros.

(O Valente Cascavel o Assombro do Sertão) de Adalgiso Carlos.

(E o Máscara do Leopardo, O Amor de Risomar) de Francisco de Souza Campos.

Todos êsses foram comprados por mim.

Com os direitos reservados.

Que os quais encaminhei para a "Biblioteca Nacional" tenho em meu poder os documentos.

Proibindo assim, a publicação dos livros que me pertencem, a qualquer outra sem documentos assinado por: João Sevèro da Silva (Cícero).

Os dados que eu escrevo
para os meus bons leitores
não é me prevalecendo
para os admiradores
é apenas um dever
que cabe a todos escritores.

Com Jesus Cristo ao meu lado
tenho certeza que venço
e me defendo daquêles
que querem roubar meu senço
me defamas mas o bem
de fazê-los não despenso.

Ass: João Severo da Silva (Cícero) Rua Maciel Pinheiro 770 João Pessoa Paraíba.

4780

João Severo

Folhetaria São João

A VOZ DA POESIA

João Severo da Silva

(CÍCERO)

Rua Maciel Pinheiro 770

João Pessoa — Paraiba

Aviso aos Revendedores de Poesias Populares do País

Que encontra-se no endereço acima: As Bravuras de Sergismundo, 32 pg. O Vaso das Esmeraldas, 32 pg. Esposa Noiva e Amante, 32 pg. Ouro do Piratas, 32 pg. O Valente Cascavel, 16 pg. 2.a Peleja de João Severo com José Costa 8 pg. Peleja de Adalgiso com João Severo, 16 pg. Delícia da Mocidade, 8 pg. O Máscara do Leopardo, 32 pg. Amor de Rosimar, 32 pg. Um Amor, 32 pg. Esses os publicadoos. E mais todos Romances de, João José, José Costa, Manoel Camilo, Joaquim Batista, José Bernardo, Prelúdio. Se não queres vir a João Pessoá, envias teu pedido que serás atendido

A Folhetaria São João é dirigida pela força da inteligência, não pela inteligência da força.

Ass. João Severo

SIV B